

A HABITAÇÃO NO PASSEIO DAS VIRTUDES: TIPOLOGIAS E USOS DE MATERIAIS

ANA CLARISSE LOPES*

ANA ISABEL LINO*

ISABEL REBELO DA SILVA*

LÚCIA TEIXEIRA*

Resumo: O presente estudo resulta de uma investigação que procura aprofundar o conhecimento das diversas tipologias habitacionais, dos materiais e técnicas de construção das casas integradas no Passeio das Virtudes. Devido ao seu espaço verdejante, esta varanda sobre o Rio Douro é um local com acentuado valor patrimonial e turístico.

O Passeio das Virtudes é um legado de diversas épocas que chega aos nossos dias enquanto expressão da continuidade da tradição arquitetónica portuense e dos seus sistemas de construção.

Palavras Chave: *Habitações; história; materiais; Virtudes.*

Abstract: The present study is the product of an investigation that tried to expand the knowledge of the different housing typologies, as well as the construction materials and techniques used in the houses located on the Promenade of Virtudes. With its luxurious green areas, this balcony overlooking the Douro River is a location with significant heritage and touristic value.

The Promenade of Virtudes is a legacy from different eras that reached us as an expression of the architectural tradition of Porto and its construction systems.

Keywords: *Virtudes, materials, housing, history*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O projeto *A Habitação no Passeio das Virtudes: Tipologias e usos de materiais* trata a área do Passeio das Virtudes, que serve de cenário às casas cujas tipologias e materiais construtivos foram analisados.

Este lugar passou por várias alterações ao longo dos séculos, sofrendo as habitações várias demolições, modificações e acrescentos. Todavia, obedecem a uma arquitetura que se integra na paisagem, que a humaniza, tornando a cidade mais aprazível e acolhedora para os que nela vivem ou que a visitam. As fachadas tornam-se as faces de uma realidade que se esconde para lá delas mesmas.

Acompanhando os padrões de residência da época, a par com a evolução social portuense, os materiais utilizados deram resposta às necessidades imediatas da população, especificamente da sociedade do século XIX. A malha construtiva das Virtudes constitui, assim, «uma das expressões mais típicas do Porto, que com o seu estilo próprio e a sua tradição legítima, traduz na atualidade as condições históricas e político-sociais do velho burgo, a índole e a vida da sua gente»¹.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O século XIX é para o Porto tempo de transformações. Entre 1807 e 1814, a cidade sofre as invasões francesas, que conduzem à escassez de meios económicos para as obras públicas anteriormente iniciadas. Com a Revolução de 1820, as políticas de inspiração liberal trazem à cidade um novo impulso urbanístico, levado a cabo pelo Ministério das Obras Públicas, sucessor da extinta Junta de Obras Públicas do período almadino.

O desenvolvimento industrial conduziu a um aumento demográfico notável, vindo transformar a estrutura habitacional. Era agora necessário que a estratégia urbanista se baseasse numa divisão funcional e social, determinante para a evolução e formação de novos tipos de casas da burguesia².

Neste século, as fachadas simplificam-se consideravelmente, desaparecendo muitos dos motivos ornamentais que as animavam. Porém, surgem agora revestidas de azulejos policromados, sobretudo em cores como o vermelho, o verde, o castanho, o amarelo, o azul e roxo³.

MATERIAIS: USOS E PERMANÊNCIAS

Apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, os materiais utilizados na construção são essencialmente os mesmos numa longa diacronia: a pedra granítica, a madeira, os metais e elementos cerâmicos, quase sempre de origem local. O saber-fazer dos pedreiros e mestres, tal como as técnicas construtivas, passavam de geração em geração mantendo alguns dos aspetos formais da *casa portuense* dotando a cidade de uma imagem identitária, pese embora as diversas tipologias.

Utilizam-se sobretudo os granitos, provenientes de pedreiras próximas: o granito azul, mais duro, para a alvenaria ordinária e o granito amarelo, mais fácil de trabalhar, para os

¹ OLIVEIRA, 1986: 24.

² FERNANDES, 1999: 175.

³ OLIVEIRA, 1986: 24.

trabalhos de cantaria: molduras de portas e janelas, sacadas, pilastras, frisos, cimalhas e outros elementos decorativos⁴.

A madeira, maioritariamente castanho, carvalho, e em alguns casos pinho de Riga, era usada para o vigamento dos sobrados e a estrutura das coberturas; o pinho nacional era utilizado para as estruturas e revestimentos dos tabiques, soalhos e caixilharias exteriores e interiores.

Todavia, ao longo do tempo os materiais são substituídos por outros mais resistentes e seguros, como é o caso do tabique que, nas paredes do exterior, é substituído por alvenaria de pedra, permitindo-lhe maior resistência ao fogo. Os metais, principalmente o ferro, substituíram alguns usos da madeira, sendo aplicados nas grades de janelas de sacada, canalizações e elementos decorativos, bem como nos caixilhos dos lanternins, e sob a forma de chapa zincada, em caleiras, algerozes, rufos e no revestimento de empenas, de fachadas de pisos recuados, águas furtadas e claraboias.

Quanto aos elementos cerâmicos, a cobertura do telhado era inicialmente feita em telha canal, substituída, durante o século XIX, pela telha Marselha, que apresentava uma forma mais plana e com encaixes, dispensando a utilização de argamassa de assentamento, o que permitia maiores pendentes nas coberturas.

TIPOLOGIAS HABITACIONAIS NO PORTO

Segundo Barata Fernandes, existem três tipos de habitações dominantes no Porto: a casa do período mercantilista (século XVII), a casa do período iluminista (século XVIII), e a casa do período liberal (século XIX)⁵. Apesar desta delimitação cronológica de tipologias construtivas, a construção de uma casa é, em muitos casos, transversal às diferentes épocas. Assim, não é de estranhar que se ergam habitações do ‘tipo mercantilista’ até finais do século XVIII e que edifícios do ‘tipo iluminista’ e do ‘tipo liberal’ tenham sido erguidos no mesmo período.

A casa do ‘tipo mercantilista’ predomina nas áreas de génese medieval intramuros, nas freguesias da Sé e da Vitória, Miragaia e Ribeira-Barredo. Por outro lado, o Passeio das Virtudes situa-se numa zona extramuros, junto à antiga Porta das Virtudes. Deste modo, os tipos de habitação aí presentes poderão ser do ‘tipo iluminista’ e do ‘tipo liberal’. Apesar de se assemelharem, em termos compositivos e em alguns aspetos organizativos, aos do ‘tipo mercantilista’, apresentam já mais pisos mais altos, graças ao avanço da técnica de construção e ao uso da pedra em detrimento da madeira, o que permite frentes de maior dimensão.

As fachadas passam agora a ser verticais, em oposição às proporções quadrangulares das do período anterior, e com maior profundidade de construção no lote, o que reflete as políticas construtivas da época, nomeadamente da atividade da Junta de Obras Públicas, a qual elabora planos que integram um renovado modelo urbano e que demonstram a preocupação com os desenhos das frentes dos arruamentos, refletindo-se em edificações relativamente constantes. Alguns edifícios apresentam uma tipologia funcional de duas frentes, características de lotes maiores, e apresentam dois alçados e dois acessos. Sob o ponto de vista da organização interna surge a função de loja no piso térreo, com habitação nos pisos superiores, possuindo entrada

⁴ TEIXEIRA, 2004: 52.

⁵ FERNANDES, 1999: 79.

lateral que se articula com escada central de dois lanços e que passa a ser encimada por uma claraboia⁶.

Apesar de se manter a construção de tipologia almadina e de se verificar a continuidade do saber-fazer e da utilização dos materiais, começam a ser introduzidas importantes alterações. Cite-se, a título de exemplo, a inclusão de instalações sanitárias nas habitações⁷, decorrentes das obrigações impostas pelas novas políticas de higienização nas duas últimas décadas do século XIX⁸.

É neste período do século XIX que surge um novo tipo de casa portuense, a casa monofuncional unifamiliar⁹. Normalmente pertencente a famílias burguesas abastadas, que procuravam conforto e privacidade, era destinada exclusivamente à habitação, deixando de parte a função comercial. Estas casas fomentam, pela primeira vez, a separação entre residência e local de trabalho, originando alterações no interior dos edifícios. No piso térreo passa a instalar-se uma cave elevada. O rés-do-chão vai ser ocupado pela cozinha, anteriormente situada no último piso¹⁰, e pela sala de visitas, às quais se acede através de um lanço de escadas que parte da porta de entrada. Os andares superiores são destinados aos quartos e às águas-furtadas¹¹.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: QUARTEIRÃO-TIPO

Algumas das habitações frente ao Passeio das Virtudes parecem ter sido resultado de um projeto de loteamento, ou seja, da subdivisão do terreno em lotes destinados à edificação de prédios com características semelhantes. Verifica-se a repetição do mesmo modelo de fachada, contribuindo para a harmonia visual.

De acordo com o relato de alguns moradores e comerciantes¹², os primeiros nove (com os números de polícia compreendidos entre o 28 e o 52) tiveram ligação direta com a rua Dr. Barbosa de Castro, sendo que o primeiro andar, voltado para o Passeio das Virtudes, corresponde ao rés-do-chão da outra rua —dada a diferença de cota—, pelo que existe a possibilidade de a relação entre os alçados de ambas as ruas ter sofrido alterações.

Em termos de soluções construtivas, trata-se de casas erguidas com paredes de meação e fachadas em pedra, paredes de tabique no interior e vigas de madeira (sistema de pau rolado) para cada piso, que justificam a largura do lote e o crescimento em altura, dado o limite de amplitude que os troncos conseguem vencer. Todos os nove edifícios possuem fatores em comum: apresentam rés-do-chão, três andares superiores e ainda um último, acima da cornija, correspondente ao quarto piso, que poderá corresponder a um acrescento. Ao nível do primeiro e do quarto andar, os edifícios possuem varanda de sacada com balaustrada de ferro. Quase todos

⁶ OLIVEIRA, 2013: 83.

⁷ TEIXEIRA, 2004: 76.

⁸ TEIXEIRA, 2004: 143.

⁹ TEIXEIRA, 2004: 27.

¹⁰ FERNANDES, 1999: 127.

¹¹ OLIVEIRA, 2013: 87.

¹² Os relatos orais resultaram de conversas informais com moradores e comerciantes instalados no Passeio das Virtudes realizadas a 22 de Dezembro de 2016.

apresentam dois vãos de entrada com um vão de iluminação ao centro (à exceção, por exemplo, da casa número 39 cujo portal esquerdo foi transformado em janela no ano de 1915¹³).

Salientamos que é na casa com os números 28-30 (nona casa a contar do sul) que termina o que designamos por *quarteirão-tipo*.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: GRANDES HABITAÇÕES

A partir daqui, encontramos dois prédios de menor altura e ainda uma casa nobre — com o número 14 do Passeio das Virtudes e o correspondente número 51 da rua Dr. Barbosa de Castro —, da qual temos algumas descrições. Sabemos que esta casa foi residência da família Jordão e que posteriormente, em 1907, foi ocupada pela Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda..

Corria o ano de 1842¹⁴ quando José Joaquim Pereira Jordão mandou ampliar um terreno que conflui para a rua do Dr. Barbosa de Castro, onde se viria a erguer a casa nobre da família. Em 1854, Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva fez aumentar o edifício e o portão. Depois da sua morte, a posse da habitação transita para os seus filhos, Joaquim e Alfredo Ferreira da Silva Jordão, que acabam por vendê-la, em 1916, a um industrial que aí montou a dita Fábrica. De acordo com a Direção-Geral do Património (DGPC)¹⁵, os elementos decorativos, como as estátuas, as taças florejantes e o muro — datados do século XVIII — são da autoria de Nicolau Nasoni, e hoje, propriedade da Cooperativa Árvore. Estão classificados como Imóvel de Interesse Público¹⁶.

Distinta pelo efeito lumínico dos azulejos amarelos, a casa de Manuel Maria da Costa Leite, situada nos números 8 e 9 do Passeio das Virtudes (ainda denominado Largo das Virtudes na documentação), foi crescendo em altura ao longo dos anos. Em 1882, mandou-se erigir o terceiro andar, com seis janelas no mesmo alinhamento das dos pisos inferiores¹⁷. Em 1884¹⁸, as portas do piso térreo adquiriram o aspeto que hoje nos é familiar. Contudo, numa fotografia impressa no periódico *O Tripeiro*¹⁹ a casa aparece apenas com duas portas ao centro, ladeadas por janelas, o que indica que voltaram a ser modificadas posteriormente para uma estética mais idêntica à do alçado de 1882. Conta atualmente com cinco pisos de apartamentos.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: TRANSFORMAÇÕES E EVOLUÇÕES

Do cruzamento da investigação concentrada na análise de vários pedidos de licenças de obras e respetivos desenhos e plantas, com a observação direta das tipologias habitacionais, resultou um conjunto de informações de caráter inédito, pela primeira vez aqui compiladas. As licenças de obras analisadas na diacronia, sem intervalo cronológico específico, referentes às ruas dos Fogueteiros (atual Azevedo de Albuquerque), do Calvário (atual Dr. Barbosa de Castro) e Passeio das Virtudes, consultáveis no Arquivo Histórico Municipal do Porto, acusam várias repetições: construção e reparação de canos; adição de andar, ampliação de prédio ou cobertura de terraço;

¹³Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1915: *Licença de obra n.º: 735/1915*, f. 186-189.

¹⁴Câmara Municipal do Porto, 2008.

¹⁵Direção-Geral do Património Cultural, s.d.

¹⁶Decreto-Lei n.º 251/70, 3 de junho de 1970: 727.

¹⁷Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1882: *Licença de obra n.º: 29/1882*, f. 432-434.

¹⁸Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1884: *Licença de obra n.º: 256/1884*, f. 207-209.

reparação ou alteração de fachadas/frentes; construção ou transformação de portas, janelas, muros e platibandas; reparação ou substituição de telhados, soleiras, chaminés, soalhos, caixilhos, beirais, peitoris; edificação, modificação ou reconstrução de prédio; construção de barracões, armazéns, garagens, entre outros.

Alguns dos exemplos enumerados decorrem da mudança de paradigma social, traduzida em medidas higienistas, ou de progressos técnicos visíveis nas formas e materiais da ornamentação. Damos conta ainda do crescimento dos edifícios em altura, através das repetidas adições de andares. O revestimento exterior passa a ser em azulejo, como demonstraram alguns pedidos de licença de obras. As claraboias passam a ter um revestimento de chapa zincada, garantindo assim uma melhor impermeabilização.

Na pesquisa direcionada para a rua Azevedo de Albuquerque²⁰, que se prolonga no sentido norte das habitações do Passeio das Virtudes, o primeiro requerimento que encontrámos data de 1805 e é da responsabilidade de José Manuel de Azevedo²¹. A habitação apresenta um piso térreo, três vãos de entrada e dois pisos acima, com três janelas alinhadas com os ditos vãos. Todas as aberturas são emolduradas por cantaria.

Encontrámos ainda duas licenças de obras que nos fornecem desenhos de alçados e correspondem aos atuais números 58 e 60. No primeiro caso, em 1919, o requerente Avelino Ramos Meira pede o levantamento em pedra do terceiro andar, que até então se encontrava construído em tabique, e em cuja parede se rasgarão três vãos na prumada dos que se veem nos andares inferiores. Atualmente, a fachada encontra-se profundamente modificada, mas mantém ainda as três janelas em cada piso, bem como, a julgar pelo desenho, a mesma cachorrada e a mesma cornija de madeira. Todavia, na folha desenhada apresenta duas portas de entrada e atualmente apenas vemos a do lado direito, sendo que a esquerda foi transformada em janela²².

No segundo caso, número 60, a requerente é Maria Madalena Teixeira Lima e a modificação ocorre também ao nível do terceiro piso²³. O desenho mostra-nos configurações muito semelhantes às atuais: uma varanda, com dois vãos de iluminação e ao centro uma porta. Todavia, notamos a ausência dos cachorros que seguram o beiral do telhado. Ao nível térreo, na entrada da casa, a organização continua a mesma: uma porta do lado esquerdo e duas janelas à sua direita. Acima, vemos que uma abertura foi suprimida (resultando talvez de uma modificação interior?), em relação ao apresentado no desenho do alçado. O documento apresenta-nos ainda uma planta do piso em questão, mostrando dois quartos, o vão de escadas e uma ampla sala.

Hoje, acreditamos que os andares foram compartimentados, formando uma habitação única, e, no caso do primeiro piso, provavelmente duas habitações, como nos informam as cinco caixas de correio da porta. Em 1927, A. R. Meira (proprietário da casa número 58) faz também um requerimento para esta habitação, provavelmente como mestre-de-obras. Porém, nesta mesma casa, em 1893, já António Vieira pedia para que fosse alterada «parte da fachada da casa

¹⁹S.A., 1948: 48.

²⁰Após a análise de vários pedidos de licenças de obras, é de notar que em 1908 ainda se utilizava a designação Rua dos Fogueteiros e em 1920 já se denominava Rua de Azevedo de Albuquerque – a morte de Joaquim de A. Albuquerque, que deu nome à rua, ocorreu em 1912. Cf. ALBUQUERQUE, 2011.

²¹Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1805: *Processo sobre edificação de casas na Rua dos Fogueteiros* f. 23-26.

²²Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1919: *Licença de obra n.º: 181/1919*, f. 416-421.

²³Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1922: *Licença de obra n.º: 1056/1922*, f. 295-300.

²⁴Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1927: *Licença de obra n.º: 724/1927*, f. 163-166.

que possui na Rua dos Fogueteiros, nº60»²⁵. Terá a habitação mudado de proprietários ou poderá indicar que várias famílias habitavam no mesmo prédio?

Em 1894, Manuel Gomes da Silva pediu o acrescento de um andar no seu prédio número 44, o que demonstra um padrão de aumento em altura das habitações da dita rua²⁶. O mesmo exemplo é encontrado no requerimento de Félix António Lopes Guimarães, do ano de 1878, que pede a construção de um terceiro andar da sua propriedade na rua dos Fogueteiros, cujo número de polícia não foi possível obter²⁷. Por fim, damos ainda conta de algumas casas que foram demolidas para a construção do Palácio da Justiça. Obtivemos a licença de obra de uma delas, localizada nos números 34 e 36, que no ano de 1928 ameaçava ruína e por isso, sob intimação, o proprietário Augusto Ramos da Silva Araújo procedeu a alterações na fachada: adição de vãos e balaustradas²⁸.

PROPRIEDADE DE LUÍS COUTO DOS SANTOS E A FÁBRICA ELECTRA

A maioria dos dados que encontrámos refere-se à propriedade de Luís Couto dos Santos. No ano de 1901, este engenheiro civil residia na rua da Liberdade e alugava o número 21 da rua dos Fogueteiros para a instalação das suas oficinas de latoaria. Foi precisamente neste ano que fundou a Fábrica Electra, especializada em produção de material hospitalar, movida a eletricidade. No desenho do projeto podem ver-se a planta da fábrica e a sua localização — entre a Quinta das Virtudes e a rua que sobe para o Largo do Viriato, por onde se fazia a entrada e hoje se vê um muro e um portão para o jardim público²⁹.

Em 1908 manda aumentar as dimensões do portal número 27 da rua dos Fogueteiros, que dá serventia para as oficinas da Fábrica Electra, e substituir a porta de madeira por um portão de ferro. Em 1910, Luís Couto dos Santos havia requerido a construção de uma garagem para o Dr. Carlos de Azevedo Albuquerque num terreno pertencente à Quinta das Virtudes. Logo em 1911, Carlos de Azevedo Albuquerque emite um pedido para que sejam feitas alterações na garagem, situada no número 17, cujo processo está designado por habitação, o que leva a crer que daqui tenha partido a casa acima descrita. Neste ano, o engenheiro civil possuía as casas situadas entre os números 9 e 13 da rua dos Fogueteiros³⁰.

Em 1921, requer que seja modificada uma parte do prédio em que habita — número 9 a 21 — para que possa lá residir uma pequena família, cujas obras consistiam na transformação do amplo salão numa casa de habitação. No ano de 1932, Luís Couto dos Santos é já proprietário dos edifícios situados entre o número 7 e o número 41³¹. É com as obras deste período que a propriedade se torna uniforme e adquire o aspeto que hoje vemos.

²⁵ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1893: *Licença de obra n.º: 256/1893*, f. 113-115.

²⁶ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1894: *Licença de obra n.º: 255/1894*, f. 155-157.

²⁷ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1878: *Licença de obra n.º: 496/1878*, f. 123-125.

²⁸ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1928: *Licença de obra n.º: 414/1928* f. 80-84.

²⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1901: *Licença de obra n.º: 221/1901* f. 109-113.

³⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1911: *Licença de obra n.º: 1203/1911*, f. 12-16.

³¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1932: *Licença de obra n.º: 961/1932*, f. 341-347

ANÁLISE DESCRITIVA: AS VIRTUDES QUE ENCONTRAMOS HOJE

Partindo de uma análise visual feita de sul para norte, com início nos últimos números de polícia e seguindo uma ordem decrescente, observam-se nas primeiras quatro casas padrões semelhantes, sobretudo ao nível dos vãos, simétricos, que se repetem dois a dois. Possuem continuidade na altura e nas varandas do quarto piso, não existindo qualquer elemento que demarque a separação para além dos algerozes e da diferença cromática dos azulejos. Contudo, tratam-se de casas geminadas e não de um único edifício, como demonstram as diferentes entradas — duas portas e pequena janela ao centro — encimadas por sacadas assentes sobre quatro mísulas em pedra, na forma de cornucópia, com gradeamento em ferro forjado.

O ritmo repetitivo dos vãos é visível nas molduras em pedra, com ligeiro arco superior. As janelas, de duas abas com bandeira superior, alternam entre inox prateado ou castanho. A madeira surge nas portas do primeiro andar e de acesso à rua, com almofadas e dois postigos adornados com ferro forjado. As janelas do rés-do-chão da casa número 45 possuem ferro fundido nas suas guardas. O mesmo acontece nas portas e janela do rés-do-chão da casa número 42-44.

No quarto piso, a pedra da sacada é contínua às quatro casas, sendo a separação apenas marcada pelas guardas em ferro. O desenho do gradeamento, igual nas primeiras três casas, difere do das varandas do primeiro piso. Na quarta casa houve alteração posterior das grades, da estrutura e do desenho do piso, já que a varanda está dividida por uma coluna central com duas portas de acesso mais estreitas e alinhadas ao centro do edifício, fugindo ao alinhamento dos vãos de iluminação dos pisos inferiores. Também se registam alterações ao nível da alternância entre janelas e portas.

As coberturas são de quatro águas, com mansarda em cada uma das duas primeiras casas. Na terceira, foi acrescentado mais um piso com dois vãos de iluminação, em guilhotina, e o mesmo se repete na quarta, onde, mais uma vez, se confirma uma estrutura mais recente, com três vãos de iluminação contínuos.

Este bloco de prédios encontra-se delimitado por um cunhal em pedra e possui uma pilastra de função decorativa a separar a quarta casa do resto do conjunto de edifícios contíguos.

Nas quatro construções seguintes, reparamos novamente na repetição de padrões, sendo que se distinguem das anteriores por apresentarem três janelas em cada piso e revestimento azulejar na fachada (à exceção daquela em que estão alojadas as *Oficinas Livres da Árvore* — *Cooperativa de Actividades Artísticas*), de tons azuis e brancos, atribuindo às paredes um brilho próprio e maior enobrecimento, juntamente com os trabalhos de cantaria aplicados, entre outros, às molduras dos vãos. Este bloco, mantém o mesmo número de andares e o mesmo carácter vertical — dado pelos apontamentos em granito que se prolongam para além do enquadramento dos vãos de iluminação —, mas passa a contar com pilastras graníticas a delimitar cada edifício. O esquema de duas portas com janela ao centro também se mantém, à exceção do número 39.

As janelas variam entre sistemas de correr, de abas e de guilhotina e ao nível dos materiais entre madeira e inox, bem como na cor. Quanto às sacadas, no primeiro piso, continuam a assentar sobre mísulas graníticas em volutas com o desenho do gradeamento de ferro apenas coincidente nas duas primeiras. Na segunda casa difere ainda o beiral, com ripas e mísulas em madeira.

As coberturas mantêm-se de quatro águas, tendo uma ligeira elevação central de três águas nas duas primeiras, uma com claraboia redonda e outra quadrangular. As águas furtadas passam a ser orientadas de frente para a rua Dr. Barbosa de Castro.

Findo este conjunto, semelhante nas suas características formais, surge uma nona casa, mais elevada, que embora mantendo os quatro pisos, apresenta aumento dos vãos, em especial no rés-do-chão e quarto piso, com igual desenho das cantarias. Nos pisos superiores, as janelas e portas são de duas abas com bandeira, à exceção do segundo piso em que são de guilhotina. Apresenta sacadas com grades de ferro iguais no primeiro e último piso, mantendo as mísulas no primeiro. O revestimento azulejar muda de tom do azul para o castanho. Possui cobertura de quatro águas e claraboia quadrangular com vidro ao correr das águas.

Logo após este edifício, a altura da fachada reduz de nível. Cada piso é composto por três vãos, contudo, não se pode afirmar com certeza se no rés-do-chão vemos portas ou janelas, uma vez que se encontram entaipadas e pintadas com grafitis. No primeiro piso temos uma varanda de sacada, já sem mísulas, com gradeamento em ferro, duas portas de acesso e pequena janela ao centro. No segundo, duas janelas laterais com porta e uma pequena varanda ao centro, assente em mísulas e pequena cartela, com guardas de ferro de desenho distinto. Os desenhos das cantarias também diferem dos restantes edifícios, perdendo o carácter curvo do lintel e o elemento vertical contínuo no prolongamento dos vãos. Esta casa já não possui duas frentes, estando as traseiras adossadas à sua correspondente, na rua Dr. Barbosa de Castro.

O edifício seguinte desce em altura, mas mantém o rés-do-chão, com três vãos de entrada, tendo o primeiro varanda de sacada em ferro forjado e três portas de acesso, assente em mísulas. No segundo piso, vemos três janelas de duas abas com bandeira superior e vidros de desenhos geométricos. Regressam o arco no lintel, a cantaria vertical contínua, o azulejo policromado em tons de azul e a cobertura de três águas com claraboia quadrangular.

O elemento que se sucede trata-se do muro da Escola Artística e Profissional Árvore — antiga residência da família Jordão e Fábrica dos Guarda-sóis — rebocado e pintado a vermelho, com quatro vãos rematados em pedra, com arco encimado por volutas, esculturas e jarrões intercalados. Encontra-se adossado a um prédio da mesma cor, de rés-do-chão com porta central e duas longas janelas laterais com grades. Os três primeiros pisos contam com três vãos rematados em arco, para três varandas de sacada de gradeamento igual, apoiadas em seis mísulas. O quarto apresenta janelas em guilhotina e cobertura com clarabóia oval.

A próxima habitação quebra abruptamente o nível de altura e o ritmo dos desenhos. Apresenta dois vãos por piso com sacada no primeiro, um acrescentado com telhado de duas águas e está revestida de azulejo policromado em tons de amarelo.

Ainda em azulejo amarelo e cor de laranja, segue-se um edifício de grandes dimensões, com rés-do-chão e cinco pisos, seis portas, sendo duas delas centrais, de acesso aos andares, e quatro de acesso ao comércio — trata-se da supracitada propriedade de Manuel Maria Costa Leite. O ritmo dos vãos repete-se em todos os andares, com sacada de três a três no primeiro piso, de guilhotina no segundo e no quarto, e duas abas com bandeira no terceiro e quinto, sendo que estes possuem guardas em ferro. As cantarias são retas e os elementos de verticalidade dão lugar a elementos em pedra horizontais, dos quais a cornija, a sacada e abalaustrada em ferro rematadas por dois jarrões.

Por fim, o último prédio, de aparência mais recente, rebocado a branco, mantém os cinco pisos, com vão de entrada e duas montras no rés-do-chão em inox metalizado. Tem três vãos no

primeiro piso, ritmo que se repete nos restantes andares com o acrescento de varanda individual em todos eles. Estes dois últimos edifícios possuem ainda um andar recuado com cobertura de quatro águas.

Atualmente, o piso térreo de alguns edifícios que abrem para as Virtudes não tem contacto com os superiores, cuja entrada se faz apenas pela rua Dr. Barbosa de Castro. Tendo em conta os dados recolhidos coloca-se a hipótese de cada piso corresponder à habitação de uma família diferente. Consideremo-las habitações plurifamiliares, sem esquecer que inicialmente deverão ter sido unifamiliares.

Ainda hoje se tentam utilizar técnicas tradicionais de construção, enquanto uma forma de respeitar as pré-existências. Ainda assim, as casas e os seus usos foram-se mostrando diversos, tendo-se adaptado, ao longo do tempo, às necessidades de quem aí habita. Por isso, nas licenças de obras surgem acrescentos, arranjos e demolições, bem como pedidos que respeitam ao saneamento e canalização, demonstrativos de uma preocupação higienista pela pessoa e pelo espaço.

Pela permanência das arquiteturas tradicionais, em consonância com a manutenção de formas urbanas resultantes da primeira consolidação da cidade extramuros, a área das Virtudes tem um grande potencial habitacional, mas também turístico, estando também próxima de sítios de referência e possuindo um jardim que foi, e ainda é, popular junto das comunidades residente e a visitante.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALBUQUERQUE, Joaquim (2001) – Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Universidade Digital / Gestão de Informação.
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1805) – Processo sobre edificação de casas na Rua dos Fogueteiros. [A.H.M.P. - D-CMP/7(2) - f. 23-26].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1878) – Licença de obra n.º: 496/1878. [A.H.M.P.-D-CMP/7(65)-f. 123-125].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1882) – *Licença de obra n.º: 29/1882*. [D-CMP/7(83)- f.432-434].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1884) – Licença de obra n.º: 256/1884. [D-CMP/7(90)- f. 207-209].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1893) – Licença de obra n.º: 256/1893. [D-CMP/7(127)- f.113-115].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1894) – Licença de obra n.º: 255/1894. [D-CMP/7(131)- f.155-157].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1901) – Licença de obra n.º: 221/1901. [D-CMP/7(167)-f.109-113].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1911) – Licença de obra n.º: 1203/1911. [D-CMP/9(93)- f. 12-16].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1915) – *Licença de obra n.º: 735/1915*. [D-CMP/9(206)- f. 186-189].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1919) – Licença de obra n.º: 181/1919. [D-CMP/9(271)- f.416-421].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1922) – Licença de obra n.º: 1056/1922.[D-CMP/9(350)-f.295-300].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1927) – Licença de obra n.º: 724/1927. [D-CMP/9(508)- f.163-166].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1928) – Licença de obra n.º: 414/1928. [D-CMP/9(536) - f. 80-84].
- Câmara Municipal do Porto (2008) – *Património na Freguesia de Miragaia* [Folheto]. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Decreto-Lei n.º 251/70 de 3 de junho de 1970. *Diário do Governo*. I Série, n.º 129.

- FERNANDES, Francisco (1999) – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. FAUP, 1999Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- GRAÇA, Manuel de Sampaio Pimentel Azevedo (2004) – *Construções de Elite no Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- OLIVEIRA, Simão Costa de (2013) – *Casa Corrente do Porto: Um estudo e processo de reabilitação*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- OLIVEIRA; Ernesto Veiga de (1986) – *Casas esguias do Porto e sobrados do Recife*. Pool Editorial.
- S.A. (1948, junho). Comunicações dos leitores. O Tripeiro. Série V, ano IV, nº2, p.48.
- TEIXEIRA, J. L. (2004) – *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Referências em linha

- Direção-Geral do Património Cultural (s.d.) – Estátuas e elementos decorativos existentes no edifício com frentes para a Rua Dr. Barbosa de Castro, 51, e Passeio das Virtudes, 14, bem como o muro em que se integram esses elementos. *Património Cultural*. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73485>>. [Consulta realizada a 29/04/2017].

LOPES, Ana Clarisse, LINO, Ana Isabel, SILVA, Isabel Rebelo da & TEIXEIRA, Lúcia (2017) – A Habitação no Passeio das Virtudes: tipologias e usos de materiais. *Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto , pp. 33-43.